Práticas de cuidado como política de fortalecimento comunitário: a trajetória de uma líder comunitária negra

Care practices as a strategy for community empowerment: the trajectory of a black community leader

Sofia Rezende Paes
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil
São João del-Rei, MG
sofiarpaes@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5855-416X

Isabela Saraiva de Queiroz
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil
São João del-Rei, MG
isabelasq@ufsj.edu.br
https://orcid.org/0000-0003-0839-1512

Recebido em: 1 de abril de 2026
Aceito em: 28 de julho de 2026

Resumo:

O artigo discute como mulheres negras podem vivenciar o cuidado como uma prática política de manutenção de suas vidas e fortalecimento de suas comunidades, por meio da compreensão do cuidado como um modo de agir capaz de criar operações que ultrapassam a lógica exclusiva da resistência. A metodologia adotada foi a pesquisa-intervenção. Os dados da pesquisa foram construídos ao longo de um ano de trabalho de campo e registrados em diário de campo. A análise dos resultados possibilitou a identificação dos efeitos do racismo e do sexismo na vida de mulheres negras e as suas formas próprias de continuar criando vida, inclusive, por meio da ocupação de posições de liderança na comunidade. A discussão realizada apontou que, ainda que as mulheres negras tenham sido historicamente objetificadas e estereotipadas como incapazes e passivas, sua existência ultrapassa este aprisionamento e sua luta política se manifesta, de forma decisiva, por meio de dinâmicas de cuidado no interior de suas famílias e comunidades.

Palavras-chave: Cuidado como prática política. Racismo e sexismo. Mulheres negras. Fortalecimento comunitário. Pesquisa-intervenção.

Abstract:

This article examines how Black women experience care as a political practice for sustaining their lives and strengthening their communities, by understanding care as a mode of action that enables processes going beyond the exclusive logic of resistance. The methodology adopted was intervention research. Data were generated over one year of fieldwork and recorded in a field journal. The analysis made it possible to identify the effects of racism and sexism on the lives of Black women, as well as their own ways of continually creating and sustaining life, including through occupying leadership positions within their communities. The discussion highlights that, although Black women have historically been objectified and stereotyped as incapable and passive, their existence exceeds such constraints, and their political struggle manifests decisively through care practices within their families and communities.

Keywords: Care as a political practice. Racism and sexism. Black women. Community empowerment. Intervention research.

Introdução: Onde tocam nossos pés

Esta pesquisa se deu em solo Mineiro, interiorano, na região do Campo das Vertentes, em uma cidade de pouco mais de 3.400 habitantes, chamada Coronel Xavier Chaves, também conhecida como Coroas (IBGE, 2017). Na parte mais alta da cidade está localizado o bairro Vila Fátima, território no qual nasceu o Grupo de Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves, o COSNEC, e onde está localizada sua sede, o Centro de Tradições Afrodescendente (Centro Afro).

O grupo COSNEC foi criado em 2009 por alguns membros da comunidade, com o objetivo de resgatar tradições religiosas e culturais, bem como reivindicar direitos e fortalecer a identidade racial da população, quase totalmente constituída por pessoas negras, mesmo o bairro não sendo oficialmente reconhecido como comunidade tradicional ou quilombola (Resende, 2020).

Figura 1 - Fachada do Centro de Tradições Afrodescendente.



Fonte: Arquivo pessoal, [s.d.].

No Centro Afro acontecem diversas atividades educativas, culturais e religiosas, como aulas de pandeiro, aulas de dança para adultos e crianças da comunidade, oficinas de canto coral, oficinas de costura, crochê e artesanato, cursos de culinária, fabricação de vassouras e bonecas de pano, eventos culturais e religiosos, como novenas, missas e procissões, além de comercializar roupas e artesanatos produzidos nas oficinas.

Dentre as atividades realizadas no Centro Afro, há um grupo denominado *Encontro de Mulheres*, idealizado por Cida[1] - liderança comunitária da Vila Fátima, ex-presidente do grupo COSNEC e guardiã do Centro de Tradições Afrodescendente - que, movida pelo desejo de reunir as mulheres da comunidade, articulou a existência de um espaço de compartilhamento de vivências e fortalecimento de vínculos de pertencimento.

Este artigo apresenta a trajetória de Cida e das demais mulheres participantes do *Encontro de Mulheres*, a partir do entrelaçamento de suas experiências de cuidado, opressão e resistência, buscando compreender como mulheres negras podem vivenciar o cuidado como uma prática política de manutenção e fortalecimento de suas comunidades. Por meio da participação nas reuniões do *Encontro de Mulheres*, foi possível identificar os efeitos do racismo e do sexismo na vida de mulheres negras e as suas formas próprias de continuar criando vida, inclusive, por meio da ocupação de posições de liderança na comunidade.

Mulheres negras, racismo e sexismo no Brasil

Sobre a participação de mulheres negras na vida pública, cabe lembrar que, no Brasil dos anos 1970/1980, enquanto o feminismo branco, hegemônico, reivindicava o direito à inserção no mercado de trabalho formal como um problema universal, as mulheres negras já o faziam há muito tempo, em condições precárias e de exploração (Lorde, 2020).

Segundo Lélia Gonzalez (2020), ser mulher e negra no Brasil é estar sujeita ao mais alto nível de opressão, devido aos estereótipos advindos do sexismo e do racismo. Consequência disso são as condições de trabalho que muitas mulheres negras encaram: trabalho informal, subemprego e desemprego. Este é o caso da categoria de

[1] Na seção Metodologia apresentamos a discussão em torno dos aspectos éticos relativos ao uso do nome real da nossa interlocutora principal.

trabalhadoras domésticas, que corresponde ao maior segmento da força de trabalho de cuidado no Brasil e abrange ocupações como diaristas, babás, cozinheiras, cuidadoras, entre outras, e é formada por 92% de mulheres, sendo 61,5% negras (MDS, 2023). Ou seja, a distribuição do cuidado em nosso país carrega traços da nossa herança colonial e escravocrata.

As mulheres negras sempre estiveram, portanto, cuidando de tudo e de todos, exemplo disso são as *amas de leite*, mulheres escravizadas que amamentavam e cuidavam dos bebês das famílias brancas e continuaram desempenhando esse mesmo trabalho, de forma mal remunerada, no período pós-abolicionista (Segato, 2021). Assim, foram se construindo estereótipos amalgamados em figuras como a da *mãe preta* - aquela que cuida das crianças brancas por serem exemplo de amor, bondade e ternura -, que passaram a funcionar como imagens de controle (Gonzalez, 2020) para reduzir as possibilidades existenciais de mulheres negras, justificando e camuflando a permanência da violência racial dirigidas a elas.

Segundo Collins (2016), essas imagens estereotipadas de mulheres negras foram construídas e definidas externamente com o objetivo de exercer controle e dominação, de modo que mulheres negras foram constituídas, por meio do racismo patriarcal, em torno de uma identidade negativa e desumanizada, vistas meramente como sujeitas exploradas, passivas e incapazes (Werneck, 2010).

Contrariando o olhar de passividade sobre as mulheres negras produzido pelo racismo patriarcal, foram elaborados por elas, ao longo da história, processos de autodefinição e autoavaliação, com vistas à superação dos estereótipos racistas a elas dirigidos e à definição de "seus próprios padrões de avaliação da condição feminina afro-americana e que valorizem as suas próprias construções" (Collins, 2019: 104), em um movimento de humanização e subjetivação política (Werneck, 2010).

Nesse esforço de autodefinição, as mulheres negras têm historicamente encontrado formas próprias de existir, inspiradas em mitos e figuras femininas ancestrais, como é o caso da figura da *ialodê* (Werneck, 2010). Em cidades iorubás, este título designava uma liderança feminina que podia representar as mulheres em decisões políticas coletivas, evidenciando formas de organização política de mulheres negras, "especialmente a partir de sua capacidade de circulação e articulação entre diferentes grupos" (Werneck, 2010: 14). Atualmente, *ialodê* é um termo utilizado pelo movimento

de mulheres negras no Brasil, justamente para dizer de atributos de representação e liderança (Werneck, 2010).

Assim, na mesma medida em que as mulheres negras foram historicamente construídas como oprimidas, também a resistência, por meio da autodefinição e da autoavaliação (Collins, 2019), se fez presente, em uma força diretamente oposta à opressão, em constante tensão (Lugones, 2014). E é habitando esse lugar de tensão - *lócus* fraturado - que as mulheres negras, ainda que submetidas a processos de exclusão e discriminação, seguem resistindo, criando formas de vida e, ainda, exercendo lugares de liderança em suas comunidades (Carneiro, 2015).

Inspiradas por esse debate, apresentamos aqui uma parcela da vida de Cida, uma mulher negra anônima que sustenta afetiva, econômica e moralmente sua família e que, mesmo enfrentando processos de opressão, emergiu em sua comunidade como uma liderança ativa, dedicada à luta pela afirmação da identidade negra da sua comunidade (Gonzalez, 2020).

Metodologia

Este artigo consiste em um recorte de uma dissertação de mestrado em Psicologia, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei[2]. A metodologia adotada foi a pesquisa-intervenção, um tipo de pesquisa participativa que questiona o positivismo e a dicotomização entre ciência e política, por considerar a participação ativa de quem está sendo estudado no conhecimento que é produzido (Rocha e Aguiar, 2003). Dessa forma, a pesquisa torna-se uma ferramenta de intervenção que desestabiliza a dicotomia sujeito pesquisador/objeto pesquisado e desmonta a noção de neutralidade (Rocha e Aguiar, 2003).

Os dados da pesquisa foram construídos ao longo de um ano de trabalho de campo, em três momentos. O primeiro momento se deu por meio da participação da pesquisadora[3] em nove encontros do grupo *Encontro de Mulheres*, em 2024, com duração de cerca de 1h30 cada, média de 15 mulheres participantes e frequência

[2] O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

[3] O planejamento e a execução dos encontros foram acompanhados pela orientadora Isabela Saraiva de Queiroz, cuja contribuição se deu em todas as etapas da pesquisa, inclusive nas análises aqui feitas.

variando de quinzenal a mensal. O grupo era aberto a quem quisesse participar e composto por mulheres da comunidade, majoritariamente negras, entre 45 e 70 anos de idade. Cida ocupava um papel duplo, como participante e como parte da organização do grupo, atuando ativamente na sua construção, sugerindo temas e definindo o formato de alguns encontros.

O segundo momento, de maior relevância para os fins deste artigo, diz respeito ao desenvolvimento da relação da pesquisadora com Cida, que foi se ampliando para além dos encontros do grupo, através de contatos frequentes pelo *WhatsApp* e de momentos a sós no Centro Afro. Esses encontros aconteceram em três tardes, ocasiões em que conversaram sobre a pesquisa, utilizando um formato de entrevista em que ambas puderam elaborar questões para a outra responder.

O terceiro momento refere-se a um encontro denominado *Troca de Saberes*, realizado no ano de 2025, com sete mulheres participantes do *Encontro de Mulheres*, com o intuito de incluí-las na etapa de análise de dados da pesquisa. Foram expostas as análises que estavam sendo feitas sobre os dados coletados para que as elas pudessem opinar e participar das compreensões acerca das suas experiências. Este encontro foi gravado mediante o consentimento verbal de todas as participantes e transcrito.

O diário de campo foi uma importante ferramenta metodológica ao longo do trabalho de campo, sendo registrados nele os sentimentos, dúvidas, receios, alegrias e interpretações iniciais da pesquisadora. Desse modo, no trabalho de análise realizado ao longo das orientações, foi possível perceber a maneira como as experiências da pesquisadora em campo atravessaram sua escuta das mulheres e a obtenção do material que permitiu tecer as análises aqui feitas, entendendo que isso importa, pois, somente do nosso próprio lugar de enunciação, em um exercício de reflexividade, é possível sermos enunciadoras legítimas do conhecimento produzido (Vieira, 2021; Queiroz e Toneli, 2023).

Nesse sentido, importa dizer que a pesquisadora que realizou o trabalho de campo é uma mulher branca, pois, ao demarcar o seu lugar de enunciação (Miñoso, 2020) é possível explicitar sua posicionalidade (Queiroz e Prado, 2018) e demarcar os limites da sua escrita. Acreditamos, assim, que, não tentando *falar por* uma mulher negra, mas compreendendo a possibilidade de se posicionar contra o racismo, e em constante diálogo com sua orientadora, esta, sim, uma mulher negra, foi possível à pesquisadora construir uma relação de cuidado e confiança com as mulheres negras no

trabalho de campo, em suas diferenças, formando uma coalizão (Collins, 2019; Lugones, 2014).

Em se tratando dos aspectos éticos da pesquisa, foi conversado com Cida duas vezes sobre o uso de seu nome na divulgação dos resultados, explicitando as questões éticas envolvidas e a possibilidade de usarmos um codinome. Também foram discutidos os efeitos da sua nomeação, que permitiria valorizar publicamente os seus conhecimentos e práticas enquanto líder comunitária, bem como evidenciar a sua contribuição para o trabalho de pesquisa. Sua resposta foi de autorização, sem ressalvas. Isso nos levou a refletir sobre como o meio acadêmico possui convenções e regras que, frequentemente, só fazem sentido dentro dele, revelando o seu afastamento da vida cotidiana e mantendo um abismo entre o saber produzido e a realidade dos nossos interlocutores de pesquisa (Santos, 2018). Ainda sobre convenções, importa dizer que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos de São João del-Rei, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 78007123.4.0000.5151.

Resultados e discussão

Apresentando Cida

Maria Aparecida, conhecida no bairro, quiçá na cidade, como Cida, é uma mulher de 63 anos, que recebe a todos com um abraço apertado. É tímida, sim, mas não deixa de falar o que pensa. Começou a trabalhar muito cedo, buscando crianças mais novas do que ela na escola ou levando merenda para elas. Diante da necessidade de cuidar dos irmãos, Cida não continuou os estudos além da antiga quarta série do primeiro grau e começou a trabalhar, por volta dos dez anos de idade, em *casa de família*. Ao relembrar das pessoas que cuidou ao longo da vida, ela diz, soltando um suspiro: “acho que eu nasci pra trabalhar” (Cida, comunicação pessoal, 10 de abril de 2025).

Ao se aproximar de sua maioridade, foi buscar oportunidades melhores na cidade de São Paulo e lá seguiu trabalhando como babá. Mas esse tempo foi curto, pois quando tinha 20 anos de idade sua mãe adoeceu e faleceu, ocasião em que Cida precisou

retornar a Coroas. Diante da morte da mãe, Cida se viu responsável pela sobrevivência e cuidado de oito irmãos, inclusive uma bebê de cinco meses, além do pai e da avó.

O tempo passou e Cida se casou e teve seus dois filhos. Determinada a continuar os estudos, ingressou no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no qual concluiu o ensino fundamental. Também precisou enfrentar um câncer de mama, do qual atualmente está curada. Hoje em dia, mesmo com os irmãos e os próprios filhos crescidos, ainda é a cuidadora principal dos seus três netos.

Cida foi uma das fundadoras do grupo COSNEC e já ocupou a posição de presidente por dois mandatos consecutivos. É responsável pela manutenção da sede do grupo - o Centro Afro -, pela organização da oficina de artesanato e costura, pela loja de venda dos produtos das oficinas, pela participação do grupo em eventos na cidade e nos arredores, pela organização do grupo *Encontro de Mulheres*, pela organização da tradicional Semana da Consciência Negra (SECON) de Coronel Xavier Chaves e é reconhecida pelas participantes do COSNEC como aquela que cuida de tudo e de todos. Em diversas ocasiões, diz que o grupo é sua segunda família, sua vida.

Tecendo a vida entre cuidado, opressão e resistência

A trajetória de Cida é singular, mas reflete algo presente no cotidiano de todo o coletivo de mulheres negras, produzido pelo racismo patriarcal (Werneck, 2010): a destinação às mulheres negras da posição social de prestação de serviços de cuidado e manutenção da vida, sendo destinado a elas ser "o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas" (Gonzalez, 2020: 82). É fruto também do racismo patriarcal que estas mulheres sejam lidas apenas pela lente da inferioridade, em um movimento de objetificação e fixação em posições de sofrimento e opressão. A trajetória de Cida é, inegavelmente, marcada pelo racismo/sexismo, mas compreendemos que suas experiências e sua existência não podem ser resumidas a isso.

Dessa forma, trataremos, aqui, de três aspectos da vida de Cida que, acreditamos, demonstram formas de fazer política e de sustentar a própria vida, bem como de se ocupar da manutenção e da prosperidade de sua comunidade. Compreendemos tais ações como modalidades de *agência*, aqui compreendida como *modos de agir* capazes de criar operações que ultrapassam a lógica exclusiva da resistência, trazendo à tona "questões interessantes acerca do que significa o sofrimento

e a luta contra estruturas de desigualdade" (Mahmood, 2006: 143). Esses três aspectos são: a relação com a sua família e os netos; o cuidado com as outras mulheres da comunidade; e o cuidado com o grupo COSNEC e com o Centro Afro.

Iniciando com a sua relação com a família e os netos: em uma de nossas conversas, Cida contou sobre como foi difícil dar conta de cuidar de tantos irmãos, logo depois de perder a mãe:

> Nem chorar por ela eu não chorei, até hoje... nunca derrubei uma lágrima por ela. Às vezes eu penso nela assim, tento chorar um pouquinho, mas eu não consigo, porque parece que me travou um negócio, sabe, eu via oito criança abaixo, só pra eu cuidar, eu falei assim: não, essa é minha missão, não tenho que chorar (Cida, comunicação pessoal, 10 de abril de 2025).

As mães negras podem ser entendidas como "indivíduos complexos, que frequentemente demonstram uma força tremenda sob condições adversas, ou que se exaurem com as exigências incessantes de cuidados com a família" (Collins, 2019: 160). O trabalho doméstico, para elas, se apresenta ao mesmo tempo limitador e empoderador, tendo sido construído como um atributo naturalmente feminino e, portanto, imposto às mulheres a partir de roupagens como *essência feminina* e *amor* (Federici, 2019), sendo, no entanto, motivo de sobrecarga e exaustão. São essas mulheres que se desdobram para garantir que a vida continue se reproduzindo, o que faz com que o trabalho de cuidado permaneça invisível, ocultando as relações de dependência entre o processo de acumulação de capital e o de reprodução da vida (Orozco, 2012).

Após a vida toda trabalhando com o cuidado, em casa e fora dela, Cida ainda hoje é a principal responsável pelo cuidado dos netos:

> Hoje em dia cuida diariamente dos netos que passam a manhã com ela e ela dá almoço. E ela falou sobre como o cuidado e ter as pessoas por perto importa para ela, por exemplo, foram os netos que deram força pra ela quando teve câncer. Disse que, se tá viva há 10 anos, é por causa deles *[parece que ela tá ali só como cuidadora, mas olha o tamanho da força disso - por causa deles eu tô viva. É uma relação de troca]* (Trecho de diário de campo, 04 de dezembro de 2024).

Muito mais do que um trabalho que lhe é imposto, o cuidado com os netos aparece como um ponto de ligação à vida, como uma *tábua de salvação* em meio às revoltas ondas do câncer. Motivo de manter-se viva. Não queremos aqui reforçar o estereótipo da mulher negra forte, que inclusive serve para que as mulheres negras sigam sendo invisibilizadas e excluídas socialmente (Kilomba, 2020), o que estamos pontuando é como mulheres negras, por meio de modalidades de agência próprias, criam estratégias para lidar com as opressões que as atingem, imaginando e criando vidas melhores para si e para os seus, em modos legítimos de florescimento (Reinhardt, 2025).

Trata-se de uma capacidade para a ação, criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas: "dimensões da ação humana cujo estatuto ético e político não se enquadra na lógica da repressão e resistência" (Mahmood, 2025: 130), podendo ser captadas através de racionalidades históricas diferentes daquelas produzidas no seio do liberalismo ocidental. A dedicação ao cuidado com a família pode ser exaustiva, mas também pode trazer o acalanto de manter seu bem-estar, de conseguir reunir todos os familiares em datas especiais, de receber de volta o carinho das crianças, de ocupar um lugar de importância na família.

Nesse jogo de opressão e resistência, evidencia-se, também, a ausência de apoio estatal, por meio de políticas públicas como as creches municipais ou o auxílio do Programa Bolsa Família, que poderiam ter tornado a trajetória de Cida menos marcada pelo abandono no cuidado dos irmãos, o que poderia possibilitar que ela não precisasse desempenhar sempre uma *força tremenda* para encontrar formas de lidar com uma situação que não era, ou não era para ser, um problema só seu. Por isso há, aqui, a necessidade de responsabilização do Estado, pois, como diz Grada Kilomba (2020), o retrato das mulheres negras fortes pode ser utilizado com o intuito de atualizar estereótipos racistas e, nesse caso, seguir ignorando a necessidade de políticas públicas que possibilitem uma vida digna a elas.

Quando levamos em conta a colonialidade e pensamos o cuidado a partir do lugar de mulheres não brancas, mestiças, negras, indígenas, outros pontos de vista emergem (Diaz, 2011), inclusive sobre a própria concepção de família. Gizêlda Nascimento (2008) comenta sobre como as relações familiares latino-americanas, especialmente das famílias de origem africana, não possuem o formato triangular (pai no topo, mãe e filhos na parte de baixo), mas sim uma família por extensão que vai além

da consanguinidade. Então, "a figura materna é duplicada, migrando entre várias mulheres e de forma concomitante. Há sempre a presença de uma irmã mais velha, tia, madrinha ou mesmo vizinha e, quando possível, de uma avó a desempenhar esse papel" (Nascimento, 2008: 60). A autora fala da centralidade das mulheres nas famílias negras, em que várias delas cuidam e assumem o papel de mãe ao longo da vida, inclusive às vezes sendo a filha quem cuida da mãe, por exemplo.

> A matrifocalidade, nesse sentido, não vem representada por uma só pessoa, mas constitui um papel que pode ser assumido por quem estiver pronta a desempenhá-lo em determinada situação, por quem tiver braços frondosos a ofertar. A imagem que nos chega é a de vários feixes convergidos para um foco: mulheres-faróis (Nascimento, 2008: 63).

É sob essa noção de *mulheres-farol*, que analisamos o segundo aspecto do cuidado de Cida, aquele atribuído às outras pessoas da comunidade. Como Coroas é uma cidade pequena, e menor ainda o bairro Vila Fátima, é comum que as pessoas sejam parentes, sendo que as crianças foram e/ou são criadas juntas. Mulheres comumente precisam de suporte para dar conta do trabalho de cuidado e quem o oferece são irmãs, tias, filhas, avós, amigas, ou babás e empregadas domésticas, formando uma rede, uma teia invisível de cuidados (Orozco, 2012).

Comprar e preparar a comida, limpar a casa, cultivar a horta, acompanhar a vizinha em uma consulta médica, acolher angústias, mediar conflitos, alimentar e educar os netos, tudo isso faz parte do que Raissa Capasso, Débora Guerra e Gabriel Kieling (2021) chamaram de redes de cuidado, através das quais as mulheres vão, todos os dias, tecendo a vida. De mãos em mãos, a vida se mantém possível. As redes de cuidado formadas por mulheres são como "um tecido invisível e subterrâneo, que sustenta a existência, qualifica o caminhar e mantém, historicamente, a vida vivível" (Capasso, Guerra & Kieling, 2021: 32). Diariamente, de *cadim* em *cadim*, a grandeza do cuidado aparece.

Ao olhar para essas redes e extrapolar os pequenos contornos do lar da família nuclear patriarcal, podemos avistar a dimensão comunitária do cuidado, que diz de práticas de cuidado caracterizadas pela interdependência e pelo cuidado mútuo, aquele "que se dá em condições de horizontalidade e reciprocidade" (Orozco, 2012: 61). Nas palavras de Audre Lorde (2020: 136): "Para as mulheres, a necessidade e o desejo de

cuidarem umas das outras não são patológicos, mas redentores, e é nesse saber que o nosso verdadeiro poder é redescoberto. É essa conexão real que é tão temida pelo mundo patriarcal".

Sobre práticas comunitárias de cuidado, Amanda Kovalczuk (2021), que aproxima dos estudos sobre cuidado a epistemologia *ch'ixi,* da boliviana Silvia Cusicanqui, afirma que, por mais que seja importante lançar luz à desvalorização do trabalho doméstico, é muito pouco explorada na literatura latino-americana do cuidado a dimensão comunitária do cuidado, orientada mais pelo compartilhamento e pelo comum do que pela lógica individualizante do capitalismo.

Nesse sentido, quando uma das cunhadas de Cida tinha filho pequeno e vinha de São Paulo visitar Coroas, Cida preparava e organizava a casa para recebê-los e, também, cuidava das crianças de outras mulheres para que pudessem passear e aproveitar a visita à cidade.

> tudo no chão lá, as mãe ia pro baile e eu ficava lá com as crianças... nossa, mas era... muito bom assim, nossa, eu tenho assim... todos eles têm carinho por mim, sabe? (Cida, comunicação pessoal, 10 de abril de 2025).

O que se evidencia aqui é o papel de *mãe de criação* da comunidade, desempenhado por mulheres que são importantes e respeitadas em seu território por funcionarem como um farol para as suas comunidades, ainda que muitas vezes sem reconhecimento público: "essas mulheres raramente são nomeadas em textos acadêmicos, mas todos sabem quem elas são nos bairros onde vivem" (Collins, 2019: 357).

Longe de romantizar a posição da mãe de criação, entendemos que não se trata somente de potência, pois muitas vezes todo esse trabalho de cuidado é realizado por essas mulheres não por escolha, mas porque elas são empurradas a isso pelas dinâmicas do racismo/sexismo. Sobre isso, em um dia de aula de costura, conversando com Cida e uma de suas amigas, falamos sobre o quanto o doar-se por inteiro para a comunidade é extenuante:

> E ela foi falando de novo que ela precisava parar de se desgastar tanto, de se dedicar tanto pelo COSNEC, porque aí se faltar as coisas, alguém vai fazer, ou então vai decair de vez. Cida disse que seu marido fala isso com ela, "você acha que se você morrer alguém vai fazer o que você faz?", e ela fala que

> enquanto tá viva vai fazendo. Mas parece que existe esse peso, eu até comentei que é como se ela estivesse carregando mesmo o peso nas costas. E aí ela deu exemplo de um dia que levaram pão de queijo lá no café da tarde e aí comeram todo o pão de queijo na cozinha e não deixaram nada pra ela tomar café, e ela teve que falar para, quando for assim, guardarem um pouco pra ela. E ao mesmo tempo ela é chamada o tempo todo para resolver problemas, especialmente quando tem algum evento acontecendo. Ela não pára um minuto, sacrifica seu corpo, e as pessoas não dão retorno na mesma proporção..., mas quando sua amiga ficou insistindo para ela parar de fazer tanto, ela disse que gosta de fazer tudo isso, de estar envolvida. Apesar de tudo, gosta, mesmo assim: "cê acredita?" (Trecho de diário de campo, 04 de dezembro de 2024).

Compreendemos que a posição de mãe de criação da comunidade e líder comunitária é complexa, ambivalente, e que Cida simultaneamente se vê sozinha cuidando de tudo. Ainda assim, não sucumbe aos apelos para fazer menos, fazer só por si mesma, numa lógica mais individualista. Ela continua acreditando na comunidade, no coletivo e segue convocando outras pessoas para que façam o mesmo, se dediquem também ao COSNEC. Não porque ela queira parar de fazer ou fazer menos, mas porque quer distribuir as tarefas e envolver mais pessoas, que também se preocupem e se empenhem na manutenção do grupo e de suas atividades.

É importante dizer ainda que a centralidade das mulheres negras na comunidade não se dá devido à falta de poder masculino (Collins, 2019), não se tratando aqui de estabelecer um binarismo: família patriarcal *versus* comunidade, família por extensão ou matrifocal, pois essas configurações coexistem. A maioria das mulheres que participaram do *Encontro de Mulheres* é ou já foi casada com homens e estão inseridas em famílias nucleares, mas, ao mesmo tempo, compartilham suas vivências com a família por extensão e com a comunidade, que se forma e se mantém através dessa rede entre mulheres: cunhadas, irmãs, amigas, tias.

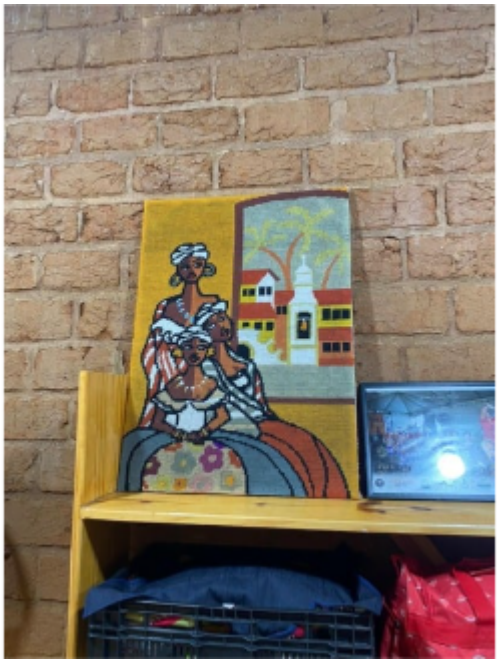
Sobonfu Somé (2007: 35) define comunidade como o lugar "onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras". Apesar de a autora estar falando sobre o povo *Dagara*, da África Ocidental, sua explicação sobre comunidade se liga às falas das mulheres do COSNEC, que significam o grupo enquanto um lugar de apoio, onde cabem discordâncias e diferenças, sem que o vínculo se quebre.

Introduzimos aqui, então, o terceiro aspecto da agência política de Cida: o cuidado com o grupo COSNEC e com o Centro Afro. Em 2022, ao conhecer uma professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, Cida viu a possibilidade de finalmente materializar um projeto que vinha, há muito, idealizando: formar um grupo de mulheres do COSNEC, um espaço seguro onde pudessem compartilhar suas experiências e fortalecer os laços comunitários.

Cida é a guardiã do Centro Afro, ou seja, é ela quem tem as chaves e cuida do espaço físico do grupo COSNEC. Durante o período da pesquisa, um auditório foi construído no espaço, fruto de financiamento obtido através de articulações com a prefeitura da cidade.

> Ficamos conversando um tempo, e ela contando que com a poeira da obra teve que colocar os artesanatos todos em saquinho, embalar tudo pra proteger e não ficar sujo, mas bem naquela manhã uma turma de crianças da escola foi lá conhecer o espaço e ela não podia deixar eles verem a sala "feia assim", então tirou tudo da proteção e ajeitou do jeito que fica normalmente a sala, toda bonita e organizada. Mas aí, como tem a questão da poeira, enquanto a gente conversava ela ia guardando tudo de novo, colocando em caixa, saquinho… e dizendo do quanto era inaceitável as crianças encontrarem a sala feia, então se deu ao trabalho de ajeitar tudo para depois guardar tudo novamente. Desse dia ficou muito marcada pra mim essa questão do cuidado com o espaço, com a sede ali, que é algo que a Cida faz. Ela organizou para que as outras mulheres também limpem e elas revezam mas quem mantém tudo bonito e cuida de tudo ali naquele espaço é ela, e ela fala sobre isso, sobre como nada era assim antes de ela assumir a frente, como antes não era limpo/bonito como é hoje, e que ela faz questão de manter assim. Falou também sobre como cuida muito bem dali e busca sempre melhorar e trazer coisas novas pro COSNEC porque quando morrer quer deixar um legado, algo que seja lembrado como uma contribuição ali para o grupo e para o bairro (Trecho de diário de campo, 14 de agosto de 2024).

Figuras 2 e 3 - Loja com produtos feitos pelas mulheres do COSNEC.

Fonte: arquivo pessoal, [s.d.].

Na fala de Cida, evidencia-se o caráter político de práticas de cuidado que são comumente invisibilizadas, como lavar o chão ou decorar e organizar o espaço. É através destes e outros fazeres que Cida garante que sua comunidade se mantenha viva e que se mantenham vivos também os vínculos das pessoas entre si e com sua própria história. Ao mesmo tempo em que Cida está sujeita ao racismo e ao sexismo, e que seus vestígios marcam as suas experiências de cuidado, esse cuidado também faz parte de quem ela é, de como se relaciona, como acolhe.

Podemos perceber o papel central de Cida na manutenção do grupo COSNEC, seja garantindo a continuidade e melhoria do espaço físico da sede, seja por meio da sua atuação na comunidade, o que acontece através de um conjunto de práticas que vão aproximando e conectando pessoas, mantendo viáveis eventos, cursos, oficinas e momentos de socialização. É possível, aqui, enxergar em Cida a figura da *ialodê*, cuja participação e luta política se dá por essa circulação entre pessoas e articulação entre diversos grupos (Werneck, 2010). Cida é uma dessas mulheres cujo poder de articulação política movimenta sua comunidade, uma vez que firma alianças com a universidade, a prefeitura, consegue financiamentos de pessoas com quem mantém laços, ou através de editais e políticas públicas, e organiza eventos como a SECON, garantindo a

continuidade e afirmação das tradições, como, por exemplo, o grupo infantil de dança afro *Aláfia Mirim*.

Isso tudo só é possível por meio de um conjunto de práticas que aproximam e conectam pessoas, bem como mantém viáveis oficinas, eventos, cursos, momentos de socialização, como as aulas de costura e o *Encontro de Mulheres*, e através do cuidado com o espaço físico do Centro Afro. As brechas estão aí e, apesar da violência da colonização, mulheres negras têm encontrado formas de navegar por elas.

Para Cida, "em uma comunidade nem todo mundo concorda, tem coisas que uma faz de um jeito e outra de outro, tem pontos de diferenças e discordâncias, mas se tá aí por 16 anos é porque tá dando certo, né?" (Trecho de diário de campo, 22/02/2024). No dia a dia, o Centro Afro é um lugar de acolhimento, de receber abraços: "e tem os cuidados daqui, que eu chego aqui, a gente ganha abraço de todo mundo, é tão bão ganhar abraço, né? Isso eu considero como cuidado, é isso" (Cida, comunicação pessoal, 10 de abril de 2025). Após falar de toda uma vida cuidando, Cida diz se sentir recompensada por fazer parte do grupo e ter construído o que chama de uma segunda família, um espaço ao qual pertence e "onde ela e outras mulheres podem ir", como diz Somé (2007), quando sentem a necessidade de serem vistas e cuidadas.

Considerações finais

Retomando de onde iniciamos, este artigo teve como objetivo apresentar a trajetória de Cida, partindo do entrelaçamento entre cuidado, opressão e resistência, e buscando compreender como mulheres negras podem experienciar o cuidado como uma prática política que mantém e fortalece suas comunidades.

A discussão realizada apontou que, ainda que as mulheres negras tenham sido historicamente objetificadas e estereotipadas como incapazes e passivas, sua existência ultrapassa este aprisionamento e sua luta política se manifesta, de forma decisiva, por meio de dinâmicas de cuidado no interior de suas famílias e comunidades.

Essa conclusão evidencia o modo como dinâmicas materiais e imateriais do cuidado frequentemente invisíveis como, cuidar de crianças, articular projetos comunitários e organizar espaços físicos, fazem parte de uma série de práticas políticas de cuidado de mulheres negras que garantem a continuidade da vida e a prosperidade de suas comunidades.

Como apontamentos para pesquisas futuras, considerando a multiplicidade característica do cuidado e as formas diversas criadas pelas mulheres para manterem a vida acontecendo, ainda se faz necessário o desenvolvimento de outras pesquisas acerca das práticas comunitárias de cuidado, tanto para a visibilização das mesmas, quanto para a ampliação de políticas públicas de cuidado, que possam tomar como referência saberes e práticas já experimentados no cotidiano das comunidades.

Referências

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo, Selo Negro, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 29 mar. 2026.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*: *conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo, Boitempo, 2019.

DIAZ, Natália Quiroga. *Economía del cuidado: reflexiones para un feminismo decolonial.* Revista Casa de La Mujer, v. 20, n. 2, p. 97-116, 2011. Disponível em: https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2015/05/Econom%C3%ADa-del-cuidado.-Reflexiones-para-un-feminismo-decolonial.pdf Acesso em: 29 mar. 2026.

FEDERICI, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução*: *trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.* São Paulo, Elefante, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (org.). Por um feminismo afro-latino-americano*:* ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro, Zahar, 2020. p. 139-150.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Brasil, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf Acesso em: 29 mar. 2026.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: *episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2020.

KOVALCZUK, Amanda. *A sociologia de Silvia Rivera Cusicanqui: aproximações ch'ixi sobre o cuidado.* Revista Contraponto, v. 8, n. 3, p. 42-62, 2021. https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/117665/84592 Acesso em: 29 mar. 2026

LORDE, Audre. *Irmã outsider*: *ensaios e conferências*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

LUGONES, Maria. *Rumo a um feminismo descolonial*. Revista Estudos Feministas, v. 22, p. 935-952, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnzb/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 29 mar. 2026.

MAHMOOD, Saba. *Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egipto*. Etnográfica, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006. Disponível em: https://journals.openedition.org/etnografica/6431 Acesso em: 29 mar. 2026.

MAHMOOD, Saba. *Política da devoção*: *o reavivamento islâmico e o sujeito feminista*. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2025.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Secretaria Nacional de Cuidados e Família. *Nota informativa nº 2/2023 MDS/SNCF*: *trabalhadoras domésticas e políticas de cuidado*. Brasil, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/ministerios-do-desenvolvimento-social-e-dos-direitos-humanos-abrem-seminario-pela-luta-contra-o-trabalho-escravo-domestico/nota-informativa-n2-publicada.pdf/view Acesso em: 29 mar. 2026.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. *Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina.* In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020. p. 96-120.

NASCIMENTO, Gisêlda Melo. *Grandes mães, reais senhoras*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). Guerreiras da natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo, Selo Negro, 2008. p. 55-74.

OROZCO, Amaia Pérez. *Ameaça tormenta: a crise dos cuidados e a reorganização do sistema econômico.* In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata. (org.). Análises feministas*:* outro olhar sobre a economia e a ecologia. São Paulo, SOF, 2012. p. 51-93.

QUEIROZ, Isabela Saraiva e PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Pesquisa narrativa com mulheres que usam drogas: uma experiência etnográfica feminista*. Psicologia USP, v. 29, n. 2, p. 226-235, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/RyLzNN9C3BN8tM54Zz37WNj/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 29 mar. 2026.

QUEIROZ, Isabela Saraiva e TONELI, Maria Juracy Filgueiras. *Contribuições decoloniais para a produção de conhecimento por pesquisadoras em contextos periféricos*. Revista Periódicus, v. 19, n. 1, p. 134-150, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/52747/29716 Acesso em: 29 mar. 2026.

REINHARDT, Bruno. *Sobre fantasmas, agência e ética: apresentação a Política da Devoção*. In: MAHMOOD, Saba. Política da devoção: o reavivamento islâmico e o sujeito feminista. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2025. p. 09-56.

RESENDE, José Venâncio. Cel. *Xavier Chaves: o despertar para a "noção de igualdade" em Vila Fátima*. Jornal das Lajes, 13/09/2020. Disponível em: https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/cel-xavier-chaves-o-despertar-para-a-nocao-de-igualdade-em-vila-fatima/3158 Acesso em: 29 mar. 2026.

ROCHA, Marisa Lopes e AGUIAR, Kátia Faria. *Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/XdM8zW9X3HqHpS8ZwBVxpYN/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 29 mar. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Somos da terra*. Piseagrama, v. 12, p. 44–51, 2018. Disponível em: https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/ Acesso em: 29 mar. 2026.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios*: *e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade*: *Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo, Odysseus, 2007.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Força e vulnerabilidade: lições de etnografia e feitiçaria na obra de Jeanne Favret-Saada*. Mana, v. 27, n. 3, e273203, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/VsTbpD5m96JKYsjc6YkgmTc/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 29 mar. 2026.

WERNECK, Jurema. *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN*)*, v. 1, n. 1, p. 07-17, 2010. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303/281 Acesso em: 29 mar. 2026.